

Práticas Feministas em Novos Modos de Subjetivação

Margareth Rago

Universidade Estadual de Campinas

Em 1902, num texto intitulado *Cultura Feminina*, o sociólogo berlinense Georg Simmel, preocupado com o fenômeno da modernização e com as novas formas de interação social desenvolvidas no mundo urbano, perguntava-se pelos efeitos resultantes da entrada maciça das mulheres no mundo público.¹ Observava que, num meio em que as formas sociais, as atividades profissionais e as expressões artísticas haviam sido moldadas pelos homens, a expressão feminina não seria nada fácil. Considerando a criação literária, afirmava que

a exteriorização da nuance feminina, sua objetivação, também é bastante difícil na cultura literária, porque as formas gerais da criação poética, (...) são justamente produtos masculinos e mostram provavelmente por essa razão, uma reticência interna ao serem preenchidas por um conteúdo especificamente feminino.²

Como diria Virginia Woolf, vinte anos depois, comentando a inexistência de uma tradição literária feminina: “essa escassez e inadequação dos instrumentos deve ter afetado enormemente os escritos das mulheres...”³ E complementava:

Seria mil vezes lastimável que as mulheres escrevessem como os homens, ou vivessem como os homens, ou se parecessem com os homens, pois de dois sexos são bem insuficientes, considerando-se a vastidão e variedade do mundo, como nos arranjaríamos com apenas um?⁴

Simmel antevia, pelo menos, duas saídas, quando pensava no impacto da entrada feminina no mundo público: de um lado, a continuidade das práticas e modos já existentes, no que acreditava pouco. Ao participarem de todas as áreas profissionais, as mulheres repetiriam os mesmos jogos da política, reproduziriam as formas da sociabilidade existentes, conservariam a organização social masculina, dando prosseguimento ao instituído? Talvez. De outro lado, suspeitava de um efeito mais positivo: elas inovariam e transformariam a cultura masculina, objetiva e racional, deixando suas

marcas com tudo aquilo que lhes é próprio: a dimensão subjetiva, as emoções, a afetividade, os sentimentos, de modo a complementar e a melhorar a ordem masculina do mundo: "porque as mulheres possuem, com sua constituição idêntica, uma ferramenta de conhecimento recusada aos homens."⁵ Ferramenta que anunciava uma capacidade maior de perceber o mundo exterior e de sensibilizar-se frentes aos sofrimentos, à dor do outro e às demandas sociais.

Desde então, mais de um século se passou e foram muitas as transformações na direção do que Simmel e Woolf desejavam e vislumbravam. O feminismo irrompeu vigorosamente no final dos anos sessenta, em sua segunda vaga, e as mulheres têm ocupado o mundo público, assumindo as profissões masculinas, questionando as práticas culturais, a divisão sexual do trabalho, o modo hegemônico de pensar e agir, apontando para outras possibilidades de existência.⁶ Ousaria dizer, a partir das noções de Foucault, criando estéticas feministas da existência.⁷ As marcas positivas da presença feminina no público e no social, isto é, a feminização cultural em curso há pelo menos quatro décadas, podem ser percebidas em múltiplos campos de atuação e reflexão.⁸ Dessas realizações e na tentativa de responder a esses dois autores, trata o presente trabalho.

Procuro pensar os efeitos produzidos pela irrupção do feminino na cultura, nos últimos quarenta anos, tendo como foco privilegiado de observação as experiências de invenção subjetiva e de inserção política de algumas brasileiras, hoje acima dos 50 anos de idade. Jovens estudantes ou universitárias, no final dos anos 1960 e inícios dos 1970, Norma Telles, Tânia Navarro Swain, Ivone Gebara, Maria Amélia Teles – a 'Amelinha', Sueli Carneiro e Gabriela Silva Leite romperam, cada qual a seu modo, com os padrões tradicionais de conduta impostos às mulheres, com os valores e códigos morais estabelecidos, questionando o regime de verdades da época, à direita e à esquerda. Trilharam caminhos próprios, novos, dissidentes, dissonantes, abertos com trabalho árduo e com as sofisticadas ferramentas das desbravadoras.

Assumidamente de esquerda, mas em ruptura com o que se convencionou chamar de 'esquerda tradicional', desconfortáveis com a estrutura político-partidária masculina, tiveram algum tipo de participação política na luta contra a ditadura militar vigente no país, entre 1964 e 1985, e continuaram lutando no regime democrático. Algumas foram exiladas, encarceradas, ou excluídas de algum modo da vida social e política naqueles difíceis anos. Feministas, denunciaram e continuam denunciando as inúmeras

formas da violência sexual, física ou simbólica, que aniquilam as possibilidades de inscrição diferenciada das mulheres no mundo público e privado. Na literatura, na produção acadêmica, na religião, nas lutas que promovem no 'movimento feminista organizado' e fora dele, os espaços em que atuam foram construídos, ao longo dessas décadas, com "máquinas de guerra" e estratégias de combate mobilizadas contra o poder dos homens, dos partidos, do Estado, da Igreja e da ciência. Libertárias, a crítica às relações de poder na vida cotidiana e ao autoritarismo nos múltiplos espaços de sociabilidade ganha força em suas manifestações.

Educadas para a virgindade, para o casamento monogâmico indissolúvel, para a maternidade e para os cuidados com a família, enfim, para a passividade e o silêncio, abriram caminhos próprios, singulares, sem contar com a referência de modelos anteriores, tanto em suas trajetórias profissionais, quanto nas experiências vivenciadas em outras dimensões da vida pessoal.

Com suas práticas e modos de pensar feministas, produziram importantes rupturas e sucessivos deslocamentos no imaginário social, especialmente no que tange às questões da moral, da sexualidade e dos modelos de feminilidade e corporeidade que lhes deveriam ter servido de referência. Criticaram e desconstruíram os modos tradicionais de produção da subjetividade e propuseram novos. Contribuem decisivamente para a construção de um pensamento crítico.

Algumas, como Tânia Swain e Norma Telles, optaram pelo trabalho acadêmico, que combinam com a militância feminista, organizada ou informal; outras, como Gabriela Silva Leite, Ivone Gebara, Maria Amélia Teles e Sueli Carneiro dedicam-se a trabalhos sociais com a população feminina carente. Todas voltam-se, portanto, para as questões políticas e sociais; escrevem ou escreveram em algum momento de suas vidas, e foram de algum modo punidas, sendo mais ou menos afetadas também fisicamente. Saíram todas vitoriosas.

Considero a emergência dessa geração de mulheres como um 'acontecimento', isto é, como forças que irrompem e alteram o curso da história, como explicita Foucault, quando pergunta: "A que acontecimento ou a que lei obedecem essas mutações que fazem com que de súbito as coisas não sejam mais percebidas, descritas, caracterizadas, classificadas e sabidas do mesmo modo?"¹⁰ Ou, em outras palavras, quando define o acontecimento como ruptura, como "entrada em cena das forças (...) o salto pelo qual elas passam **dos bastidores para o teatro**".¹¹ Nessa direção, pergunto pelas con-

dições de possibilidade dessa emergência, com todas as suas poderosas implicações e de sua procedência.

Uma vez que não focalizo um grupo organizado de mulheres, mas lido com uma multiplicidade de subjetividades, com dispersões de pensamentos e práticas, esse trabalho abre-se para várias áreas de expressão – das lutas feministas ao amor pela literatura – na tentativa de mapear interpretações de mundo e experiências diferenciadas, mas simultâneas e atravessadas pelo desejo de transformação individual e coletiva.

É possível afirmar que essas mulheres fazem parte de uma mesma geração, se levarmos em conta a contemporaneidade de influências, acontecimentos e rupturas que marcaram suas experiências. Nesse sentido, a participação em uma série de acontecimentos – em especial, as lutas de resistência contra a ditadura militar e, ao mesmo tempo, o ‘maio de 68’ e todas as rupturas culturais do final dos anos sessenta e inícios dos setenta, quando eram muito jovens, que não podem ser dissociadas do impacto das bruscas transformações decorrentes de um acelerado processo de modernização vivido no país, desde os anos setenta – cria um ‘tempo intersubjetivo’, em que se conforma um destino comum: “um passado lembrado, um presente vivido e um futuro antecipado”, como sugere Reis.¹²

Além disso, essas mulheres conhecem-se há muitos anos e, de maneira direta ou indireta, têm interagido entre si, já que praticam uma militância de esquerda, fora dos quadros tradicionais da militância político-partidária e consideram-se feministas libertárias, o que implica uma atitude de insistente crítica aos micro-poderes na vida cotidiana. O questionamento do estatuto da mulher e a fuga das identidades marcam suas próprias interpretações de si mesmas, à exceção de uma certa identificação com um feminismo libertário de esquerda, mas em diferentes modalidades.

Essa questão suscita algumas ponderações. Alguns anos atrás, as feministas tinham em seus horizontes uma ‘comunidade imaginada’ de mulheres, reunidas em torno de um mesmo objetivo e de uma mesma identidade.¹³ Hoje, a discussão suscita outros olhares e tende a privilegiar as dispersões, diferenças e fragmentações e não mais a unidade. Ainda assim, alguns aspectos comuns a essas mulheres podem ser destacados. Para além das posições ideológicas de esquerda e da opção feminista, a criatividade e a capacidade de invenção marcam intensamente seus modos de pensar, suas práticas e realizações, fazendo com que se destaquem em seu meio social, político e cultural, ao cabo de algumas décadas e tornem-se objetos de estudos recentemente.¹⁴

Além do mais, percebe-se um nomadismo constante em suas trajetórias, já que, vivendo constantes desterritorializações subjetivas, desenvolvem enorme potencial de transformação e de invenção de novos espaços pessoais, subjetivos e coletivos. Vale notar, ainda, a maneira como trazem o corpo e a sexualidade para o centro de suas produções, entre práticas discursivas e não-discursivas, o que, de modo geral, caracteriza a segunda onda do movimento feminista.¹⁵

Pode-se dizer o mesmo sobre as formas de atuação das mulheres que privilegio nesse texto: o corpo – e acrescento, a sexualidade – tornam-se problemáticas centrais em seus feminismos e em suas reivindicações pragmáticas. A luta pelos direitos reprodutivos, contra o assédio sexual, a violência doméstica, o estupro, pela descriminalização do aborto, pelos direitos das ‘trabalhadoras do sexo’, pelo direito ao próprio corpo e ao controle da própria vida, a busca de construção de uma linguagem feminista corporificada e a crítica das hierarquias de gênero presentes nos modos modernos de organização social – são essas as principais bandeiras que as feministas levantam hoje, no Brasil e no mundo.

Breves históricos

Das mulheres escolhidas para essa pesquisa, todas são intelectuais e escritoras e têm livros publicados. Norma, Tânia e Ivone estão ou estiveram até recentemente vinculadas à universidade como docentes, enquanto Amelinha, Sueli e Gabriela fundaram suas próprias Ongs. Ivone atua também nos meios populares vinculada à Pastoral Cristã, no Brasil e no exterior.

Norma, paulistana nascida em 1942, é, em sua lúdica maneira de se auto-referir, “uma aquariana, vim com a cabeça na lua, gosto de artes. Me falta terra, senso de realidade”.¹⁶ Formou-se em História, na Universidade de São Paulo - USP, em 1974 e doutorou-se na Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, em 1987. Nesta instituição, foi professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, por trinta anos.

... me separei em 1968 exatamente, eu era muito jovem, pois casei com menos de 18 anos, tive dois filhos, fiquei cinco anos casada e aí minha vida começa. Ia ter um curso na Sorbonne, em Paris, no final de 1968, então eu fui, não terminei o colegial, casei antes. Estudei no “*Des Oiseaux*” até o final do ginásio, aí fui passar um período nos EUA, que coincidiu com os 50 anos de formatura de meu avô lá e eu estudei lá. Quando voltei, fiz um ano de (Colégio) “*Sion*” e acabei casando e não terminei. Nessa época, fui para Paris,

para chegar na Sorbonne, estava tudo parado pelas passeatas. O Edgar Morin era o professor querido da juventude parisiense, ele chegava de motocicleta, com capa de Sherlock Holmes e todo mundo aplaudia. Meu curso era de francês, mas a gente vivia na Universidade. Quando voltei, fui trabalhar por dois, três anos, com um arquiteto que tinha uma galeria de arte, foi quando comprei muita coisa, depois trabalhei num banco, mas eu sempre queria estudar, queria estudar história desde menina. Um dos motivos de romper o casamento era que não podia e eu era muito cheia de idéias próprias.¹⁷

Tânia, nascida em Curitiba, no Paraná, em 1944, doutorou-se em História pela Université Paris III, Sorbonne e fez pós-doutorado na Universidade de Montréal, onde lecionou na Université du Québec à Montréal, (UQAM). Até recentemente, foi professora do Departamento de História da Universidade de Brasília, inaugurando, mesmo com muitas resistências, a criação da área de *Estudos Feministas*, com cursos para a graduação e pós-graduação. Filha de uma escritora, aderiu ao feminismo no período em que vivia em Paris, onde teve contato com o movimento, nos inícios dos anos setenta. A partir daí, as questões feministas tornaram-se centrais em sua vida e não apenas em suas reflexões, assim como a crítica às identidades sexuais, construídas a partir de concepções essencialistas e biologizantes.

Tânia edita, juntamente com a tradutora Marie France Dépêche, a revista feminista digital *Labrys*, nome que se refere a um machado com lâmina dupla, utilizado como arma ou instrumento pelas antigas populações das Amazonas, segundo os registros arqueológicos. Para ela, trata-se sobretudo de um "símbolo maior de afirmação do feminino".¹⁸ Já com onze números, a revista publica artigos de excelente qualidade de várias feministas de todo o mundo, contribuindo para ampliar e atualizar consideravelmente a rede dos "estudos feministas".

Ivone, paulistana nascida também em 1944, doutorou-se em Filosofia pela PUC-SP e em Ciências Religiosas pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Teóloga feminista, vive em Camaragibe, município de Recife, em Pernambuco, desde 1973. Lecionou Filosofia e Teologia no Instituto de Teologia do Recife, durante 17 anos e, a pedido de Dom Hélder Câmara, trabalhou no Departamento de Pesquisa de Assessoria, que cuidava da formação de agentes de pastoral para o meio popular naquela instituição. Em 1989, o Instituto foi fechado pelas forças conservadoras e obscurantistas da Igreja.

Amelinha, nascida em Contagem, Minas Gerais, em 1944, no seio de uma família operária, filha de um ativo militante do PCB, logo torna-se

uma ativista política. Em sua memória, a militância é uma constante e a presença do pai é sempre muito marcante.

Com 21 anos, eu entrei para a clandestinidade. Com 15 anos, comecei a militar, lá em Minas mesmo. Mas eu falo que militante sempre fui, não é exagero falar isso, porque a gente morava num cortiço, em Santos. Eu até lembro, o cortiço era assim: um sobradão, tinha uma escada de madeira e tinha os quartos, cada família morava num quarto. Meu pai fazia as reuniões com os comunistas lá e punha a gente sentada na porta para vigiar, porque se viesse polícia a gente avisava e eles desciam lá do outro lado e saiam do outro lado da rua. Não saiam pela frente porque senão iam ser pegos, então eu fazia esse trabalho quando eu tinha sete anos de idade, eu olhava se vinha polícia e subia correndo. Ele ainda falava que criança ninguém ia perceber, mas eu achava que todo mundo estava me olhando, achava que todo mundo ia perceber e ele dizia que não, que não tinha tanta importância, mas eu achava aquilo tão importante, porque todo mundo estava me olhando.¹⁹

Sueli nasceu no bairro da Lapa, em São Paulo, em 1950 e, como raríssimas mulheres negras, formou-se na Filosofia na Universidade de São Paulo - USP, entre 1972-1980; atualmente, faz pós-graduação em Filosofia da Educação, nessa mesma universidade. Da infância, traz as fortes marcas do mundo do trabalho e de uma comunidade gregária.

Eu sou a mais velha de sete irmãos, meu pai era ferroviário e minha mãe era das prendas domésticas e antes de se casar era costureira, era gerente de oficina de costura, (...) Meu pai é de origem rural, na época chamava camponês, nascido em Minas Gerais, em Uberlândia, ele sai da fazenda onde a família trabalhava com dezessete anos e vem para São Paulo, era semi-analfabeto, trabalhou no país inteiro até que acabou na ferrovia, na Santos-Jundiaí, onde ficou até morrer. Eu sou a mais velha de sete filhos, venho culturalmente de comunidade operária, a ferrovia tem uma cultura muito própria, proletária, eu nasci na Lapa, depois nós mudamos para uma área perto de Pirituba, onde eu cresci, e à medida que os filhos iam nascendo a gente ia ficando mais pobre, o país ia piorando. Então, eu venho de uma comunidade pobre, mas pertenço àquela época em que a gente experimentava uma pobreza decente. Não havia essa indignância humana que está posto aí, essa coisa indigna.²⁰

Também paulistana, Gabriela nasceu em 1951, em São Paulo, de uma família de classe média e viveu entre os bairros da Vila Mariana e Jabaquara.

Eu nasci na Pró-matre, na Av. Paulista e morei até os dez anos na Vila Mariana, depois eu fui para o Jabaquara. Eu sou de uma família de

classe econômica baixa, mas quando eu nasci era classe média, média mesmo. A família foi muito rica, o pai do meu pai. Ricos, fazendeiros, mas eles perderam tudo no jogo... eram todos jogadores. Meu pai era *crupiê*, ele trabalhou toda a vida dele no cassino e quando o jogo foi proibido, ele passou a trabalhar em cassino clandestino, em Caxambu, onde ele viveu os últimos quinze anos de sua vida. Minha mãe é do interior de São Paulo, de Jaguariuna, e foi criada na fazenda de meu outro avô. A família da minha mãe trabalhava na fazenda. Minha mãe era muito bonita, filha de indígena, minha avó era indígena, moça da roça. Meu pai, um dia cansado de tanta boêmia foi passar um dia na fazenda, no tempos em que eles eram ricos e conheceu minha mãe, que tinha 14 anos. Ele se engraçou, a família dela fez força para eles se casarem, ela nunca gostou dele e ele era gamadíssimo por ela. E ela foi para São Paulo capital, na casa dos meus avós ricos, e ela não sabia ler e escrever, não sabe até hoje, é analfabeta, mas é muito inteligente. Mas uma mulher extremamente conservadora. Meu pai era um homem mais aberto, por que como ele vivia na noite, ele era um boêmio, conversava mais, me deu o primeiro livro para ler, Monteiro Lobato, ele lia muito, era autodidata...²¹

Ainda com o nome de batismo, Otília entrou no curso de Ciências Sociais, na USP, em 1969, depois da turbulenta experiência do "cursinho". Só depois passaria a chamar-se Gabriela.

Fiz cursinho à noite, aí entrei na Filosofia da USP. No ano que eu entrei, em 1969, a Ciências Sociais estava saindo da rua Maria Antônia e indo para os barracões no *campus*. Entrei dentro dessa coisa conturbada e era muito bobinha. A época do cursinho foi uma época muito interessante para mim, foi aí que eu comecei a "dar trabalho", diz minha mãe. Perdi a virgindade aos 18 anos. Foi nessa época²²

Dos bastidores para o teatro

Desde o final da década de 1970, o movimento feminista, constituído em grande parte por militantes, ex-presas políticas e exiladas que retornavam ao país, decidiu sair do 'gueto' e ampliar seu raio de atuação. Invadiu sindicatos, partidos, várias entidades da sociedade civil e, sobretudo, aliou-se ao 'movimento de mulheres', que se articulava na periferia de algumas cidades, desde os anos setenta, apoiado pela Igreja e por grupos políticos envolvidos na luta pela redemocratização.²³

Embora mobilizasse um contingente feminino excepcionalmente grande, o 'movimento de mulheres' não levantava questões feministas como bandeiras de luta. Reivindica a criação de creches, transportes urbanos e melhores condições de vida, sem contudo incluir, em sua agenda, temas

como aborto, estupro, assédio e violência doméstica contra as mulheres. O contato que se estabeleceu entre os dois movimentos – o feminista e o ‘movimento de mulheres’ – foi certamente muito lucrativo para todas. Para as primeiras, porque passavam a atingir uma rede muito mais ampla da população feminina; para as mulheres pobres da periferia, porque traziam-lhes questões que dificilmente seriam enunciadas espontaneamente, como as referentes à moral sexual, ao corpo e à saúde, com que muitas vezes sofriam silenciosamente. Fundamental nessa associação, o feminismo desenvolveu e ampliou suas bandeiras de luta, dando destaque às questões da violência contra as mulheres e dos direitos reprodutivos.

Nesse contexto, diretamente envolvida com a militância política desde longa data, Amelinha cria, em 1981, a *União das Mulheres de São Paulo*, em que atualmente coordena o Projeto de ‘Promotoras Legais Populares’, destinado a capacitar mulheres da periferia para o acesso à justiça. Sueli funda, em 1988, o *Geledés - Instituto da Mulher Negra*, primeira organização negra e feminista independente no Brasil, que tem como objetivo, como ela explica, “desenvolver um trabalho político e jurídico para a melhoria da situação geral do negro no país e específica da mulher negra.” Gabriela funda o *Movimento Nacional das Trabalhadoras do Sexo*, em 1987, no Rio de Janeiro e, depois de sair do ISER – Instituto de Estudos da Religião, cria a Ong *DaVIDA*, juntamente com a prostituta Dorothe e o jornalista Flávio Lenz, em 1992, voltada para a luta pelos direitos das ‘trabalhadoras do sexo’.²⁴

Aborto X qualquer coisa...

Feminista socialista, a teóloga Ivone identifica-se primeiramente como mulher e não como gênero humano, como afirma em sua autobiografia, intitulada *Águas do meu Poço*.²⁵ Aí, esclarece suas posições:

Creio que o encontro com o feminismo, como crítica de uma história e de um pensamento masculino dogmático, abriu-me as portas para pensar minha vida de outra maneira. Atrevo-me a sair, não sem temor, da admirável perfeição do dogmatismo filosófico e teológico masculino no qual fui formada. Atrevo-me a sair das definições a que preciso adaptar-me, porque, segundo dizem, elas constituem a ordem do mundo, do mundo certo, justo, do mundo desejado por Deus. Ouso duvidar do que foi proclamado como verdade e liberdade.²⁶

O abandono das referências anteriores, dos antigos modelos de construção da subjetividade e de atuação também são mencionados em seu texto: “Atualmente sinto-me em uma perspectiva de ‘fim de modelos’”, deixando

para trás os códigos de conduta que vinham de fora e que lhe eram impostos por alguma autoridade reconhecida. Nesse contexto, ganha força o sentimento de ser estrangeira também na transgressão:

Aprendera tão bem que o pensamento era uma prerrogativa dos homens que por vezes sentia-me estrangeira em minha vocação de mulher filósofa. Mas tal sentimento nunca durava muito. (...) Gostava das pessoas fora do comum, fora da norma reconhecida pela sociedade.²⁷

Ivone é vista como contestadora, radical e transgressora sobretudo dentro da Igreja, já que, até a década de 1980, havia muito poucas feministas desestabilizando publicamente o regime de verdades vigente nesse universo e, sobretudo, as hierarquias de gênero. Sem dúvida, a luta a ser travada aí é das mais extraordinárias, porque questiona diretamente a figura e a autoridade divinas. O contato com livros estrangeiros abre, portanto, um amplo espaço para a estruturação de uma forte crítica aos modos tradicionais, masculinos e profundamente autoritários, porque hierárquicos, das instituições religiosas.

Critico o que faz da religião um espaço de dominação e domesticação das mulheres. Senti na carne a exclusão da liberdade devido à minha condição de mulher que escolheu pensar a vida, pois pensar é, sim, perigoso neste mundo hierarquizado onde só nos pedem que obedeçamos.²⁸

Além da atuação no meio acadêmico e de muitos livros publicados, Ivone tem uma história de intensa atividade de militância política feminista, inclusive com a publicação de vários livros, como o recente *O que é Teologia Feminista*.²⁹ Trabalhou, por vários anos, realizando cursos e prestando assessorias aos movimentos sociais no Nordeste. Atualmente, vive e trabalha em Camaragibe, no Recife e realiza conferências, seminários e oficinas no país e no exterior, defendendo as lutas feministas e dando assessoria sobre as questões de gênero no âmbito da Teologia Feminista. Ainda assim, pesa, em seu balanço de vida, a metáfora de “cores pastel de boa parte de minha vida”, logo para ela que tanto gosta “das cores fortes, das comidas condimentadas, das grandes paixões, das aventuras!”.³⁰

Não é assim que observo essa guerreira, que ousa levantar a bandeira da descriminalização do aborto, dentro e fora de seu meio. O que, como sabemos, tem seu preço. Em 1994, tendo dado uma entrevista à revista *Veja*, foi intimada pelo bispo do Recife para retratar-se publicamente. Do mesmo lado, a imprensa conservadora não perdeu a oportunidade de puni-la, publicando notas cotidianas sobre a “freira do aborto”. Ivone reage:

Tudo é tramado para culpar as mulheres e inocentar os homens de suas próprias responsabilidades. As mulheres tornam-se responsáveis pelo destino – quase sempre miserável – das crianças, por sua educação, sua vida. O masculino julga, o feminino é julgado.³¹

Um ano depois, o processo é arquivado, mas logo outro se abre, lançando suspeitas sobre suas idéias religiosas e elencando “seus erros”. Nesse contexto punitivo, não tarda a ser enviada para estudar na Universidade Católica de Louvain-la-Neuve, na Bélgica.

É interessante observar que a trajetória de vida de cada uma dessas mulheres, embora seguindo caminhos tão singulares, conflui na medida em que se deparam com questões sociais e políticas comuns. A ditadura militar vigente no país colocou-as do lado dos movimentos de resistência e, ao mesmo tempo, as dificuldades em encontrarem espaços adequados de expressão feminina, ou seja, a persistência da cultura patriarcal forçaram-nas a abrirem seus próprios territórios, o que não se fez sem muitas pressões misóginas.³²

É o caso de Amelinha, que começa cedo a militância política, em parte herdada do convívio com o pai e, posteriormente, descobre o feminismo. Presa política entre 1970-1973, encontra as mulheres começando a organizarem-se no final de 1974 e engaja-se em trabalhos políticos com estas na periferia de São Paulo, seguindo as orientações do PC do B, em que militava há muito tempo. Para o partido, tratava-se de constituir o *Movimento do Custo de Vida*. Nesse momento, a principal reivindicação das mulheres era a criação de creches, necessidade que era subestimada pelo partido. Diz ela,

Mas o Partido e a Igreja tiram essa reivindicação e colocam salários, reforma agrária e o congelamento dos preços de primeiras necessidade - são as três bandeiras no lugar da creche, que são importantes, ninguém é contra. Mas agora, porque tiram a creche? Eu fiquei cismada, tanto é que eu sou uma das pessoas que articula o movimento de rua ? por creches no Estado de São Paulo.

As insatisfações com as posições autoritárias e masculinas do partido aumentam; as distâncias se acentuam.

Foi muita polêmica, de 1975 a 1987, eu vivo a polêmica dentro do Partido porque eu achava que as mulheres tinham que ter um espaço próprio e que as reivindicações das mulheres eram tão importantes quanto as do “povo brasileiro”. Nessa discussão da creche, eram mulheres discutindo tudo, às vezes, (fazíamos) reuniões com 200 mulheres, na zona sul, na Figueira Grande, Campo Limpo, Grajaú. Começamos nas igrejas, sociedades de amigos, escolas, posto de saúde, salões paroquiais, em todos os lugares.

Coloca-se a criação de um espaço próprio, feminista, dentro dos movimentos sociais em luta contra a ditadura militar, mas à parte do partido político:

A União é fundada em 1981. Em 1980, São Paulo cria uma rede municipal de creches, pela primeira vez na história. A gente tinha esse grupo de mulheres nessa discussão de creches e pensamos que a gente tinha que ter um grupo para discutir os nossos problemas, porque no Movimento de rua por creches havia a discussão de implantar, onde, comissão para acompanhamento de implantação da creche, de estabelecer os critérios de quais crianças vão para as creches, as mães como terão relacionamento. Porque quando vinha o pai, vinha armado com revólver, porque vinham para brigar, para matar. A discussão ficou muito voltada para a criança e a creche e dizíamos: “e nós, mulheres?”, então fizemos esses grupos, as mulheres vão discutir nossa sexualidade, a questão do aborto, a questão da violência... Aí fizemos esse grupo de mulheres e foi um parto, uma coisa duríssima, porque o Partido queria ser dono da União de Mulheres.³³

A criação do *Geledés* também decorre da constatação de um enorme vazio em relação às necessidades das mulheres negras, no Brasil. Se o movimento feminista já aglutinara muitas mulheres em torno de suas bandeiras de luta, as negras sentiam-se marginalizadas e esquecidas por todos os lados. Diz Sueli,

O “Geledés” foi criado em 1988. Na origem éramos seis, todas negras. Eu, Maria Lúcia da Silva, Edna Bolam, Solimar Carneiro, Sonia Maria Pareira do Nascimento, não lembro de todas. Não foi uma coisa que nasceu do nada, nasce de um processo, na verdade de um processo que começou a ser construído em torno de 1982, quando a gente... o marco importante foi a construção do Movimento de Mulheres Negras em São Paulo, quando é criado o Conselho Estadual da Condição Feminina, em São Paulo. O movimento das mulheres negras era misturado com o geral, não havia ainda um espaço organizado, exclusivo de mulheres negras. Havia mulheres negras atuando no movimento feminista, no movimento negro.³⁴

Fundar essas Ongs foi tarefa árdua, pois faltava todo tipo de apoio, inclusive dos grupos de esquerda dominados pelos homens, que defendiam questões econômicas e políticas de âmbito mais geral, como a questão salarial e as reivindicações trabalhistas e sindicais, considerando as demandas feministas secundárias. Aliás, o preconceito às reivindicações das mulheres ainda era muito grande, nos inícios da década de 1980, pois eram associadas ao universo de mulheres abastadas e ‘alienadas’, em suposta busca inde-

finida da liberdade. Nesse momento, ainda se ignorava muito da história das lutas feministas, no Brasil e no mundo. Desconhecia-se a crescente presença e as realizações culturais das combativas mulheres, tanto da elite quanto dos meios operários, que, desde o final do século XIX e inícios do XX, lutaram para ingressar na esfera pública.³⁵ Ignorava-se também que as mulheres participavam em grande número nos movimentos sociais de resistência à ditadura, fortalecendo os diferentes grupos políticos, especialmente os liderados pela Igreja, sem contudo colocarem publicamente suas próprias necessidades.³⁶ Amelinha traduz esse passado:

O Partido contrapunha aborto com constituinte, aborto com aumento do salário, para mostrar que a nossa luta não tem importância. Mas não tem nada a ver, eles contrapõem, ao invés de juntar. Você não acredita o tanto que eles perseguiram a gente e continuam até hoje, ela se mantém. É uma perseguição tão forte, igual à ditadura... marca, toda perseguição, todo autoritarismo marca muito a vida política das pessoas. (...) Sempre fomos, eu sou muito estigmatizada, a minha geração talvez, fomos muito estigmatizadas em tudo o que nós fizemos, nós rompemos com muitos preconceitos, muitas não agüentaram, ficaram dentro de casa, aquelas feministas dos anos 1970, que estão dentro de casa e não agüentam ouvir mais nada, nenhuma crítica. Toda essa discussão que está sendo feita é necessária, sem discussão você não consegue elaborar propostas, é preciso mudar as mentalidades.³⁷

No caso do *Geledés*, Sueli explica:

O "Geledés" surge dessa necessidade de reconstruir um espaço autônomo, independente, que pudesse nos permitir, tanto dialogar com o Estado, quanto fazer propostas ao Estado, como também exercer a função de controle social, a crítica em relação aos governos e ao próprio Estado. Isso foi uma das questões que estava muito clara na criação do "Geledés". Outra era a necessidade de construir um instrumento político para a luta das mulheres negras, um instrumento político que pudesse dar voz, voto, visibilidade na temática das mulheres negras - isso no decorrer de uma crítica histórica em que tanto o movimento feminista, como o movimento negro, ambos subalternizavam nas suas agendas, a temática específica das mulheres negras. Então era preciso criar organizações específicas, instrumentos políticos que rompessem com o silêncio e com a invisibilidade das mulheres negras, então o "Geledés" foi concebido também como uma organização que tinha a pretensão de realizar essa missão. O que nós almejávamos era construir uma organização de mulheres negras, que alcançasse autoridade em torno desse tema e que pudesse dialogar em condições de igualdade, em primeiro lugar com o feminismo, com a luta anti-racista e com outros movimentos sociais, com outros atores sociais. Então era essa a

pretensão do “Geledés”, foi assim que surgiu e aí nós estruturamos um programa de ação, inicialmente montado em três eixos, direitos humanos, saúde e comunicação.³⁸

Os preconceitos que Gabriela teve de enfrentar para defender os direitos das ‘trabalhadoras do sexo’ foram muito fortes, sobretudo pela ausência de apoio dos grupos de esquerda, para os quais a prostituição deveria ser totalmente suprimida. Numa relação difícil, inclusive com as feministas, liderar o movimento das prostitutas reforçou as estigmatizações cristalizadas no imaginário social.

O DaVida começa em 1992. (...) O começo foi muito difícil, existia um pouco de oposição do ISER. De nossos financiadores de lá, só sobrou um dos EUA que ajudou na nossa infraestrutura. O resto, ninguém. A ICO, uma instituição holandesa de financiamento, por exemplo. Quando eu saí do ISER a gente estava fechando um projeto com a Comunidade Européia e precisava de uma instituição. Aí esse cara veio falar comigo e foi esse cara que chamou o Flávio de cafetão. Queriam fazer um projeto sobre a prostituição, de organização, eu tinha apresentado um projeto e então eles vieram conversar com a gente e foi esse holandês de merda que chamou o Flávio de cafetão. Aí a gente estava nessa reunião no Ibase e eu saí de lá pensando: não quero mais saber de nada. E fomos embora. E a gente só tinha esse financiamentozinho do Oscar. Havia um pessoal do ISER que fazia oposição à gente dentro do Ministério da Saúde. Aí a gente não tinha lugar para levar a sede do DaVida e meus amigos do Estácio, onde eu tinha amigos, um deles tinha um terreno imenso e ofereceu para nós construirmos algo lá. Aí fomos para lá e construirmos um barracão de madeira, nós temos foto. No Estácio eu conheço muita gente, pois fiquei muitos anos lá na zona.³⁹

A biblioteca de Norma

Norma buscava suas próprias referências de autonomia feminina, desde pequena: “Desde a época da minha mãe, eu procurava as mulheres (feministas), eu discutia muito com ela, (afirmava) que havia mulheres na época delas que tinham sido livres, mas eu não tinha exemplos.” Contudo, se a maioria das mulheres em seu meio ensinavam a obediência e submissão, a garota podia contar com a presença de algumas mulheres fortes em sua vida, como a avó materna, suas três irmãs e a bisavó, “que conheci muito bem e que sempre nos esperava para ler um poema.” Além do mais, enriquecia-se com as leituras propiciadas pela imensa biblioteca do avô. Essa herança vem associada com a conquista da liberdade.

Eu tinha uma polaridade, porque o meu avô estudou nos EUA e ele me dizia: “mulher tem de se preparar mais, porque é mais difícil a

vida para a mulher no mundo”, provavelmente por causa de sua vivência americana. E era ele que tinha biblioteca e permitia que eu pegasse qualquer livro. Eu acho que essa base e essa negação, essa revolta brava, porque ficavam me dizendo isso: “moça não vai ali” e eu pensava, - porque que não vai? - “moça não estuda muito”, isso foi uma constante na minha vida. Ao mesmo tempo, eu tinha uma biblioteca aonde eu podia ter liberdade, onde não me proibiam os livros, que eram do meu avô e ele tinha algumas coisas que eu tenho até hoje. Ele era engenheiro, mas acho que, pelos Estados Unidos, ele tinha uma formação mais humanista. Tinha a coleção dos livros de Shakespeare, os livros sagrados da humanidade – Zoroastrismo, Ocultismo, Budismo, Induísmo, eu fiquei curiosíssima, e descobri que todos eram interessantes. Então foi um deslocamento muito grande para quem vinha de um colégio de freiras tradicional, muito fechado. Então eu tive esse lado, se por um lado eu escutava que mulher não fazia determinadas coisas, por outro eu tinha a biblioteca.⁴⁰

Na Faculdade de História, a estudante havia encontrado a comunista alemã Rosa Luxemburgo, militante tão fascinante para essa geração, mas não era exatamente uma feminista. Eram “os anos mais pesados da ditadura”, como diz ela, onde o foco estava distante das questões feministas. Na década seguinte, traduz as cartas de amor enviadas por Rosa ao seu companheiro, Leo Jogiches.⁴¹ “Eu me apaixonei. Eu não conhecia esse lado dela, da feminilidade, já tem aí uma discussão feminista.” Se Norma não se lembra exatamente de quando encontrou o feminismo, novamente a lembrança da biblioteca familiar ganha espaço em suas memórias:

Ao mesmo tempo, eu cresci lendo a Charlotte Brontë, eu ainda tenho a edição de 1902, do meu avô. Eu tinha uma coisa de paixão por esses livros. que, depois, eu vou perguntar, um dia: Existem escritoras brasileiras? E diziam que não, mas eu fui na teimosia e fui em busca...⁴²

É possível que a referida falta de referências femininas marcantes em sua vida explique, em grande parte, sua busca incessante pelas escritoras em nosso passado, em geral, mulheres desconhecidas que, não raro, precisavam recorrer à identidade masculina para fazerem-se ouvir. Ao mesmo tempo, também respondem por esse incansável trabalho de resgate tanto a indignação contra as sofisticadas formas de exclusão das mulheres, quanto a certeza de que a transmissão do passado não está absolutamente garantida. Diz ela,

O processo de exclusão das mulheres das narrativas históricas determinou tanto a escassez de obras femininas, em comparação com as masculinas, como também sua falta de transmissão. Nunca é demais enfatizar como é importante a transmissão de um legado

para a geração seguinte. Assim trata-se não só de descobrir o passado, mas também novas formas de relacionar-se com ele e de transmiti-lo.⁴³

É, portanto, nessa direção, que Norma traz uma grande contribuição para o conhecimento das mulheres escritoras que, como sabemos, não constam dos livros tradicionalmente respeitados de História da Literatura. Até as décadas de 1980 e 1990, nomes como Carmen Dolores, Júlia Lopes de Almeida, Maria Benedita Câmara Borman, Lola de Oliveira, Narcisa Amália, entre muitas outras, continuavam absolutamente desconhecidos e apenas recentemente algumas dessas obras têm vindo a público.⁴⁴

Então comecei a olhar em dicionários bibliográficos, comecei a perceber que tinha em histórias da literatura, no Antonio Cândido, a Narcisa Amália, mas a gente pega o livro e não vê, porque acha que não existem, sabe que não existe escritoras. Há uma ou duas décadas atrás a gente tinha certeza que começava com a Cecília Meireles e com a Clarice Lispector.⁴⁵

A identificação com as escritoras e com suas personagens e a interlocução ativada com as tramas encontradas tornam-se importantes fontes de inspiração para o trabalho pessoal, emocional e intelectual de Norma. Como mulher, a subjetividade intercede o tempo todo.

Quando eu vi a Gilbert and Goubert, *The mad woman in the attic*, mas quando eu vi a louca no sótão, eu despiroquei emocionalmente, porque eu falei sou eu, somos nós, a (mulher) trancada é uma latinoamericana, uma brasileira, que depois é que ela vai escrever... a louca era uma crioula??? A Maria Benedita Bormann me dá a impressão de que ela escreveu que se essa louca tivesse saído do sótão, viraria uma escritora, essa é a minha leitura da *Lésbia*.⁴⁶

Preocupada com os mitos de origem, Norma encontra *Lilith*, a primeira mulher, transgressora, rebelde, forte, numa época em que poucas haviam ouvido falar dela. Eva ainda dominava o imaginário religioso como a primeira mulher, segundo o relato bíblico, saída da costela de Adão, passiva, submissa. E, portanto, tocada pela personagem, a historiadora feminista traduz o livro do antropólogo italiano Roberto Sicuteri, *Lilith, a Lua Negra*,⁴⁷ que teve, em seguida, várias edições no Brasil.

Otília, Gabriela

Essa identificação também se aproxima da que une Gabriela às prostitutas e move sua luta por elas. A experiência como prostituta profissional por muitos anos torna-a uma figura absolutamente singular, pois fala de dentro desse universo que era então tão distante e desconhecido, ao menos das

mulheres. Além do mais, são muito raras as prostitutas em meios mais pobres, que tiveram formação universitária e se tornaram militantes políticas. Gabriela inclusive optou por mudar de nome, o que seguramente pode ser lido com a afirmação de uma outra subjetividade, a definição de um novo modo de ser, mais independente, livre, sensual, ousado e transgressor, como se observa nessa mulher:

Eu chamo Otília Silva Leite na certidão. Gabriela é tão antigo, faz parte de mim, muito mais que Otília. Na verdade, é o nome que eu escolhi. Eu mudei quando eu entrei na zona. Isso foi em 70 e pouco. Estou num processo na justiça para acrescentar Gabriela. Ficará Otília Gabriela. Eu tenho as duas. Todo mundo me chama de Gabriela, menos a minha mãe.⁴⁸

É necessário considerar o contexto histórico em que atua Gabriela, sem dúvida, para se entender o alcance e o radicalismo de suas escolhas. Para uma geração educada para o casamento e a maternidade, nos anos cinqüenta e sessenta, a ruptura que ela promove é enorme, a ponto de sua mãe ser a única pessoa que não a reconhece como Gabriela. Além do mais, pode-se também dizer que Gabriela é feminista, se considerarmos que sua luta busca os direitos de mulheres pobres, que até então viviam em condições de absoluto abandono social, apesar dos desencontros com as feministas propriamente ditas. E é considerando todos esses aspectos que Gabriela funda, ao lado da prostituta Doroth e do jornalista Flavio Lenz a Ong DaVida, que luta por melhores condições de trabalho e qualidade de vida das prostitutas. Desde a década de oitenta, quando nasce esse movimento no Brasil elas passam a chamar-se de 'trabalhadoras do sexo', entendendo sua atividade como um outro trabalho qualquer e exigindo reconhecimento profissional do Estado.

A desconstrução de Tânia

Crítica radical do pensamento identitário e inspirada por Foucault, já faz algumas décadas que Tânia desafia as definições masculinas da identidade feminina, abarcando as interpretações falocêntricas que, da igreja e da medicina à mídia, pretendem informar a opinião pública ou modernizar o imaginário social misógino. Historiadora, não tem sido fácil a luta que trava para transformar uma área dominada até recentemente pelos temas e objetos masculinos. É, nessa direção, que realiza uma releitura da História do Brasil, tradicionalmente vista por um olhar excludente e hierárquico. Em artigo que focaliza as relações estabelecidas entre os colonizadores portugueses, os jesuítas e os indígenas, ela denuncia:

No âmbito da sexualidade é o desejo dos homens, é a presença dos homens, é a sexualidade masculina que aparecem como reguladores da ordem, como definidores da moral, como parâmetros de inserção no contrato social/sexual que se estabelece na colonização portuguesa. A desigualdade surge aqui com o estabelecimento da “diferença” e de uma exclusão. Assim, aquilo que é tomado como causa da exclusão do político-social – a diferença biológica – não é senão o fruto da instauração de uma desigualdade forjada no político. A prática de ensino jesuítica nas escolas para meninos, por exemplo, de fato cria uma nova divisão entre os sexos, uma nova moral, um novo eixo de saberes, destinados exclusivamente ao sexo masculino, interlocutor escolhido pelos portugueses em seu contato com os indígenas.⁴⁹

Propondo a desconstrução da identidade lésbica, a autora escreve *O que é Lesbianismo?*, livro em que embaralha todas as possíveis respostas à questão em jogo, revelando as armadilhas aí supostas.⁵⁰(31) Nesse mesmo ano, apresenta o texto *Identidade Nômade: Heterotopias de mim*, em que propõe suas próprias invenções da subjetividade, valendo-se da noção foucaultiana de “heterotopia”.⁵¹ Aqui, ela pergunta:

Quem somos “nós”, assim, encerrados em corpos sexuados, construídos enquanto natureza, passageiros de identidades fictícias, construídas em condutas mais ou menos ordenadas? Quem sou eu, marcada pelo feminino, representada enquanto mulher, cujas práticas não cessam de apontar para as falhas, os abismos identitários contidos na própria dinâmica do ser?⁵²

Em 2003, Tânia publica o irônico artigo *Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista*, em que parte, com humor e originalidade, para uma crítica performática contra as estigmatizações modernas, que encerram o corpo, a sexualidade e a identidade da mulher na categoria da velhice, associada, por sua vez, à da menopausa.⁵³ “É ainda e sempre o ‘dispositivo da sexualidade’ em ação, descrito por Foucault”, denuncia ela. Não é preciso lembrar que a menopausa foi definida pelo discurso médico como o ‘ocaso’ da sexualidade feminina, ou seja, como um momento em que sua vida sexual se encerraria e em que, ao contrário dos homens, elas deixariam de ter capacidade sexual, sendo, portanto, despojada de seu principal papel na sociedade, como reprodutora.

Num estilo jocoso, expondo-se ousadamente no texto e afirmando uma recusa radical de um corpo e de uma identidade pré-estabelecidos, Tânia afirma:

Meus cabelos são compridos e brancos, crime de lesa majestade para uma mulher no Brasil. Visto-me como bem me apetece, para escândalo das/dos colegas e para alegria dos alunos, que partilham

minhas preferências. Nunca torturei meus pés nestes sapatos pontudos e de salto alto (elegantes!) que nos impedem de correr, saltar, ter uma postura correta. Sinto-me bem e confortável nos meus *running shoes* que me transportam entre conferências e palestras, das bancas de tese às aulas habituais.⁵⁴

Sua crítica desconstrói as interpretações que fazem da velhice um período associado à degenerescência e à morte, um momento de incapacidade e de perda de potência especialmente para as mulheres, de quem se exigem padrões estéticos elevados, entre beleza e juventude, muito mais do que dos homens:

Mas o que é afinal a velhice? Vemos florescer, mesmo nas fileiras dos feminismos, os "grupos de jovens", face às feministas "clássicas", tradicionais, "idosas", velhas, enfim. O que faz a coerência dos grupos de "jovens"? Quais são seus limites, seus objetivos, seus laços? Como a idade pode determinar o pertencimento, senão em um mundo traçado, estabelecido, definido, onde os gostos e preferências se estabelecem segundo a publicidade, a propaganda, avatar último de uma globalização avassaladora em marcha? E quais são os detalhes sutis que colocam alguém, inexoravelmente entre as "velhas"? A terceira idade começa aos 30 ou 31 ou 42 ou 54? E a 4ª idade e a 5ª? Qual é a ruga ou a quantidade de cabelos brancos que determinam esta passagem?⁵⁵

Retomando Simmel e Woolf...

Não se pode considerar as importantes transformações conquistadas na vida das mulheres hoje, no Brasil, sem referir-se às experiências das desbravadoras, como as aqui citadas. Por diferentes caminhos, enfrentando tabus e preconceitos arraigados, quebrando os estereótipos vigentes em sua época, abrindo novos caminhos de atuação política, profissional e pessoal, essas guerreiras afirmaram novos modos de existência e novos códigos éticos. Figuras singulares, exemplares, é impossível não reconhecer seus devidos méritos e vitórias. Ao observarmos suas realizações políticas, como a criação das Ongs *União das Mulheres*, *Geledés* e *Da Vida*; ao considerarmos a produção teórica feminista hoje existente, as instigantes reflexões e fortes críticas trazidas pelos estudos feministas, como os trabalhos de Tânia Swain, Norma Telles e Ivone Gebara; ao conhecermos o intenso trabalho no universo da religião realizado pelas teólogas feministas, em luta pela descriminalização do aborto, pela releitura da Bíblia, por novas interpretações dos textos sagrados, entre outros temas fundamentais, só podemos sair muito fortalecidas.

Na *União das Mulheres*, diz Amelinha, “Hoje temos uma diretoria com 13 mulheres e o principal projeto nosso são as Promotoras Legais Populares, que tem 3.500 mulheres em toda São Paulo, é um trabalho de campo.”⁵⁶ Em relação ao *Geledés*, explica Sueli:

São 23 pessoas que trabalham cotidianamente. Hoje, o “*Geledés*” não trata apenas da questão das mulheres, mas o foco é a mulher negra. Nós montamos um tipo de programa que nos permite trabalhar a questão da mulher negra em particular e as questões gerais de interesse da comunidade negra, ou seja, da luta anti-racista, no geral. Nós compartilhamos dessa dupla identidade, nós somos feministas, anti-racistas e estamos nos dois campos de batalha, operando nas duas lutas.⁵⁷

Do mesmo modo, o *DaVida* afirma-se como respeitado espaço de luta e reivindicação dos direitos das “trabalhadoras do sexo”, inclusive no exterior, com a publicação do jornal *Beijo da Rua*, dirigido pelo jornalista Flávio Lenz e a mais nova produção de roupas da *DASPU*, nome que alude ironicamente à confecção de alta costura *DASLU*. Já Ivone, não precisa mais temer suas contundentes declarações, que fazem parte do seu exercício cotidiano da liberdade e da sua invejável autonomia:

Toda essa vivência, bastante pesada, leva-me a pensar ou sonhar com outra coisa: e se Deus não fosse poderoso, mas apenas prazeroso!? E se o prazer fosse a constituição fundamental de nosso ser? E se estivéssemos neste mundo para gozar a existência? No começo, não estávamos todos no paraíso, segundo o mito relatado no Gênesis? O paraíso e a felicidade não seriam constitutivos de nossa origem? (...) E não somos dotados da nostalgia do paraíso perdido?⁵⁸

Notas e Referências:

- 1 George SIMMEL. *Filosofia do Amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- 2 *Id., ibidem*, p. 78.
- 3 Virginia WOOLF. *Um Teto Todo Seu* (1928). São Paulo: Círculo do Livro, s/d, p.95.
- 4 *Id., ibidem*, p.109.
- 5 George SIMMEL. *Op. Cit.*, p.76.
- 6 Ver George DUBY; Michelle PERROT (Org.). *História das Mulheres no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993-1995, 5v.
- 7 Foucault desenvolve o conceito de ‘estéticas da existência’, ao estudar a experiência de subjetivação dos antigos gregos, que criaram outros modos de relação consigo mesmo e para com o outro, pautados por fortes valores éticos. Michel FOUCAULT. *História da Sexualidade II. O uso dos prazeres*.

- [Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque]. Rio de Janeiro: Graal, 1984. Estendo o conceito para pensar as criações feministas na atualidade em "Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos". C.C. LIMA; S.P. SCHMIDT (Org). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004, pp. 31-42.
- 8 Sobre a feminização cultural no Brasil, no final do século XIX, ver Maria Bernadete Ramos FLORES. *Tecnologia e Estética do Racismo. Ciência e Arte na Política da Beleza*. Chapecó: Argos, 2007; no século XX, Margareth RAGO. "Feminizar é preciso. Por uma cultura filógena". *São Paulo em Perspectiva*, Revista da Fundação SEADE, vol. 15, n.3, pp.58-66, jul-set 2001.
 - 9 "Máquina de guerra" é um operador criado por Deleuze, para referir-se aos fluxos de intensidade que escapam às formas de captura e reterritorialização do Estado. "Quanto à máquina de guerra em si mesma, parece efetivamente irreduzível ao aparelho de Estado, exterior à sua soberania, anterior a seu direito: ela vem de outra parte (...) Seria antes como a multiplicidade pura e sem medida, a malta, irrupção do efêmero e potência da metamorfose." G. DELEUZE. *Mil Platôs*. vol.5. [Trad. Ana Lúcia de Oliveira]. São Paulo: Editora 34, 1997, p.13.
 - 10 Michel FOUCAULT. *As Palavras e as Coisas*. [Trad. Salma Tannus Murchill]. São Paulo: Martins Fontes, 1981, p. 231.
 - 11 *Idem*. "Nietzsche, a Genealogia e a História." *Microfísica do Poder*. [Trad. Roberto Machado]. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 24. (grifos meus)
 - 12 José Carlos REIS. *Tempo, História e Evasão*. São Paulo, Campinas: Papirus, 1994, p.75.
 - 13 Evelyne LEDOUX-BEAUGRAND. "D'une sororité à un corp(u)s éclaté: l'imaginaire de la communauté dans la littérature des femmes". *Labrys, estudos feministas/études féministes*, ago/dez. 2005. Acessível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/>. Ver, ainda, Suely Gomes COSTA. "Repensando o PAISMCA". *Revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ*, nº 15, pp.109-122, jul./dez. 1999.
 - 14 Ver, por ex., Joana PEDRO. "Os sentimentos do Feminismo". In: M. H. ERTZOQUE; T. G. PARENTE. *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006, pp.255-270.
 - 15 Sobre a segunda vaga do feminismo no Brasil, ver Anette GOLDBERG. *Feminismo e Autoritarismo: a metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.
 - 16 Entrevista com Norma Telles realizada por Margareth Rago, em janeiro de 2005.
 - 17 *Idem*.

- 18 Tânia Navarro SWAIN. "Editorial". *LABRYS, estudos feministas/ études féministes*, jan / jul. 2005.
- 19 Entrevista com Maria Amélia Telles realizada por Margareth Rago, em fevereiro de 2006.
- 20 Entrevista com Suely Carneiro realizada por Margareth Rago, em janeiro de 2006.
- 21 Entrevista com Gabriela Silva Leite realizada por Margareth Rago, em fevereiro de 2006.
- 22 *Idem*.
- 23 Sônia ALVAREZ. *Engendering Democracy in Brazil*. Princeton University Press, 1990; Margareth RAGO. "Adeus ao Feminismo?". *Cadernos do AEL*, 1996.
- 24 Sobre a história da *Ong DaVida*, ver Friederike STRACK, *Mulher da Vida*, em alemão, 1996.
- 25 Ivone GEBARA. *Águas do meu Poço*. São Paulo: Brasiliense, 2005, p.26.
- 26 *Id.*, *ibidem*, p.26.
- 27 *Idem*, p. 30.
- 28 *Idem*, p. 68.
- 29 *Idem*. *O que é Teologia Feminista?* São Paulo: Brasiliense, 2007.
- 30 *Id.*, *ibidem*, p. 33.
- 31 *Id.*, *ibidem*, p. 151.
- 32 Na mesma direção dessas observações, veja-se o instigante artigo de Raquel SOIHET - "Feminismos e Cultura Política: uma questão no Rio de Janeiro dos anos 1970-80". In: ABREU, M; SOIHET, R; GONTIJO, R. (Org.) *Cultura Política e Leituras do Passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp.411-436.
- 33 Entrevista com Maria Amélia Telles, 2006.
- 34 Entrevista com Suely carneiro, 2006.
- 35 Rachel SOIHET. *O Feminismo Tático de Bertha Lutz*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006; June HAHNER. "Emanipating the Female Sex". In: *Idem*. *The Struggle for women's rights in Brazil, 1850-1940*. London: Duke University Press, 1990; Branca Moreira ALVES. *Ideologia e Feminismo. A luta da mulher pelo voto no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- 36 Sônia ALVAREZ. "Politizando as relações de gênero, engendrando a democracia". In: Alfred STEPAN (Org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- 37 Entrevista com Maria Amélia Telles, 2006.
- 38 Entrevista com Suely Carneiro, 2006.

- 39 Entrevista com Gabriela Silva Leite, 2006.
- 40 Entrevista com Norma Telles, 2005.
- 41 Rosa LUXEMBURGO. *Camarada e Amante*. Cartas de Rosa Luxemburgo a Leo Jogiches. [Trad. Norma de Abreu Telles]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- 42 Entrevista com Norma Telles, 2006.
- 43 Norma TELLES. "Notas para uma aula: história das mulheres", mimeo, 2007, p.2.
- 44 *Idem*. *Encantações*. Escritoras e imaginação literária no Brasil do século XIX. São Paulo: Nat Editorial, 1998.
- 45 Entrevista com Norma Telles, 2006.
- 46 Lésbia é o título do romance de Maria Benedita Câmara BORMANN (Délia), publicado em 1890, que Norma Telles introduz e atualiza para republicação pela Editora Mulheres, em 1998.
- 47 Roberto SICUTERI. *Lilith, a Lua Negra*. [Trad. Norma Telles e J. Adolpho S. Gordo]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- 48 Entrevista com Gabriele Silva Leite, 2006.
- 49 Tânia N. SWAIN – "História: construção e limites da memória social". In: P. P. A. FUNARI; M. RAGO. *Subjetividades Antigas e Modernas*. São Paulo: Annablume, no prelo.
- 50 Tânia Navarro SWAIN. *O que é Lesbianismo?* São Paulo: Brasiliense, 2000.
- 51 Tânia Navarro SWAIN. "Identidade Nômade: Heterotopias de mim". In: M. RAGO.; A. VEIGA-NETO; L. ORLANDI. *Imagens de Foucault e Deleuze, ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DPA, 2002, pp.325-342. Para a noção de 'heterotopia', ver M. FOUCAULT "Des espaces autres" (1984). *Dits et Écrits*, IV. Paris: Gallimard, 1994, pp. 752-762.
- 52 *Id., ibidem*, p. 237.
- 53 Tânia Navarro SWAIN. "Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista". In: M. Rago.; A. Veiga Neto. *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, pp. 261-270.
- 54 *Id., ibidem*, p. 263.
- 55 *Idem*, p. 264.
- 56 Entrevista com Maria Amélia Telles, 2006.
- 57 Entrevista com Suely Carneiro, 2006.
- 58 Ivone GEBARA. *Op. cit.*, p.185.